

Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho

Da arquitetura do edifício

O programa do edifício, que hoje alberga a escola, foi encomendado pelo governo da República em 1913 e entregue a uma Comissão que se encarregou da escolha do terreno e de preparar as bases para a elaboração do projeto, que ficou ao cuidado do arquiteto Ventura Terra.



O recinto da escola ocupa um quarteirão com 12.650 m². A área é limitada a Nascente pela Rua Rodrigo da Fonseca, a Poente pela Rua Artilharia Um, a Norte pela Rua Sampaio e Pina e a Sul pela Rua Marquês de Suberra. Está inserido na malha urbana das ruas adjacentes ao Parque Eduardo VII e rodeado pelos hotéis Ritz e Meridien.



Fotos: Eng.º Vaz de Silva – 2006



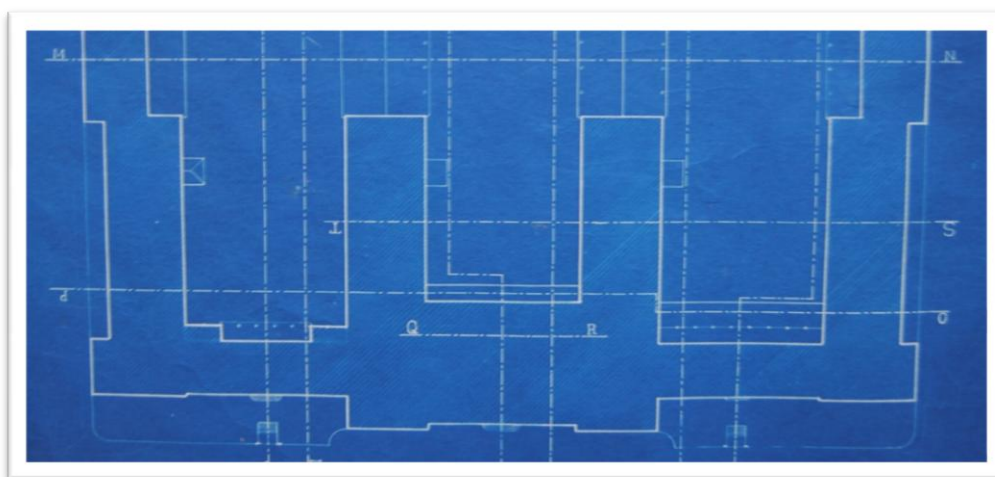
Miguel Ventura Terra veio a falecer em Abril de 1919, altura em que a Comissão, da qual fazia parte o arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, se encarregou de dar continuidade à execução da obra, que viria a ser embargada por falta de verba, em 1921. O liceu só seria inaugurado nos anos trinta (1933-34) depois de uma segunda fase de construção orientada pelo arquiteto António Couto.



Foto: Eng.º Vaz de Silva – 2006

Apesar das interrupções à execução da obra e da orientação de diferentes arquitetos, estes pouco alteraram o projeto inicial.

Atualmente o edifício desenvolve-se em 3 pisos. Nos anos 40/50, devido ao aumento da população escolar, ampliou-se em um piso os corpos laterais da fachada principal, entre os torreões e o corpo central. Procedeu-se à construção de coberturas inclinadas, em todos os corpos, na medida em que os terraços apresentavam problemas de infiltração.



A planta do edifício apresenta uma tipologia em pente através de 4 corpos perpendiculares ao corpo central, que constitui a fachada principal voltada para a Rua Rodrigo da Fonseca.

A cantaria

O projeto da fachada arquitetónica do edifício apresenta uma magnífica cantaria esculpida por canteiros de oficina lisboeta, provavelmente da Pardal Monteiro, com execução bastante uniformizada, onde se destacam três janelões, encimados por arcos de volta perfeita decorados com pequenos ressaltos. Estes janelões abrem para varandas com balaústres e grossos corpos pétreos acantonados e encimados por esferas. Estas sacadas são suportadas por pesadas consolas.



Fotos: Eng.º Vaz de Silva – 2006

A frontaria, sob as janelas do rés-do-chão, é revestida por grandes pedras almofadadas, sendo algumas talhadas em ponta de diamante. É este trabalho de cantaria que enriquece, mas ao mesmo tempo harmoniza a fachada do edifício.



Pormenor das pedras almofadadas em ponta de diamante. Foto Eng.º Vaz da Silva - 2006

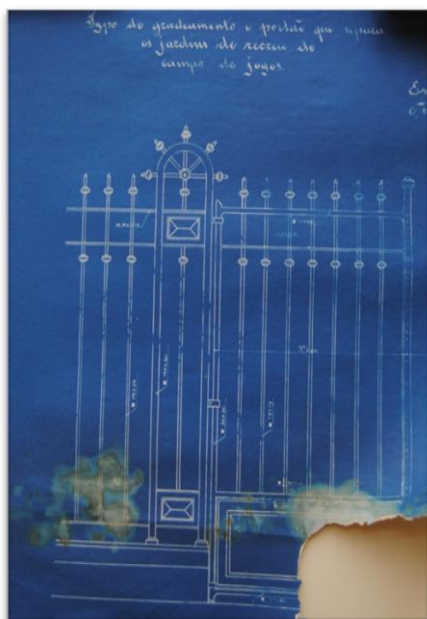
O ferro e os gradeamentos



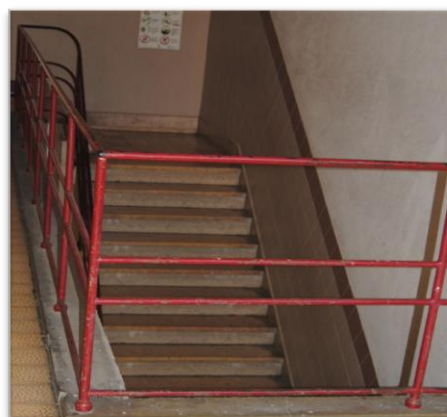
Portão da fachada principal - cianótipo do projeto e estado atual. Não foi seguido o desenho original.



Gradeamento em ferro e portão lateral da fachada principal

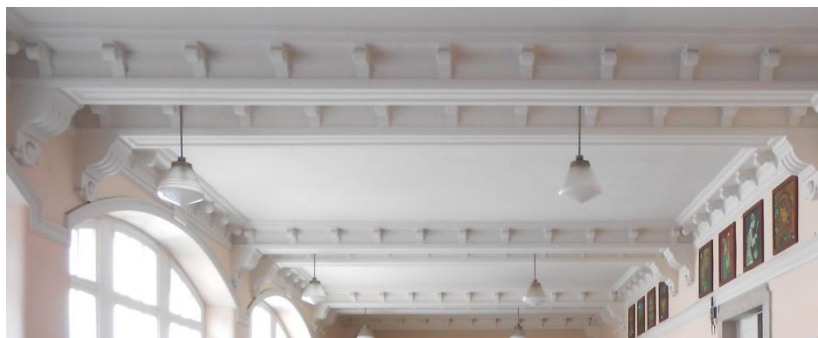


Cianótipo do gradeamento dos pátios interiores e restauro do gradeamento, 2006

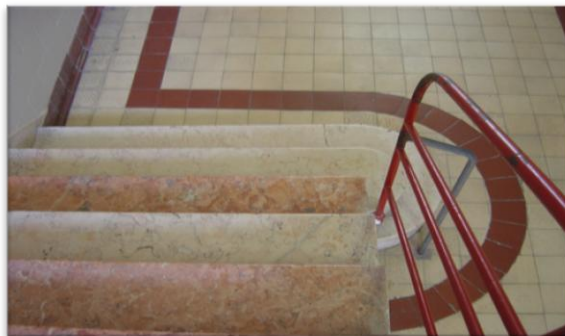


Gradeamentos no interior do edifício

Frisos decorativos



Os pavimentos, o chão que pisamos



O estudo das características técnicas e estilísticas dos pavimentos permite identificar oficinas, traçar itinerários de modelos, entender as ligações artísticas entre as diferentes escolas de ofícios e contribuir para o conhecimento das balizas cronológicas de laboração de oficinas já desaparecidas.



Mosaico/ladrilho original com quadrílobos decorado com motivos geométricos irregulares, a vermelho e creme (17x17 cm)

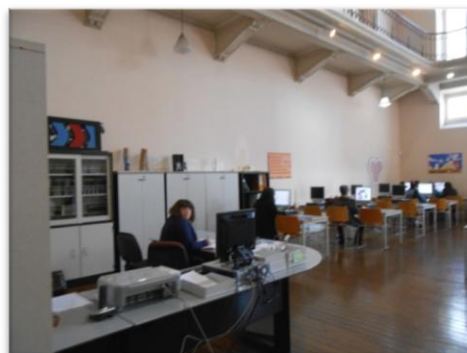


Notar o decaimento dos materiais. Sobre estes ladrilhos deambularam milhões de passos à procura de conhecimento

Os grandes salões



Biblioteca e suas galerias



Biblioteca e o Centro de Recursos Multimédia

Fátima Abraços e Amaro Carvalho da Silva, Projeto Património, Lisboa, Fevereiro 2013